

Apresentação

Cristina Diógenes Souza Bezerra

Mestranda em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
cristina.dsb@gmail.com

Ester Corrêa Paixão

Doutoranda em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
esterzinha Correa@yahoo.com.br

O quinto volume da Revista Equatorial marca os dez anos das primeiras discussões para formação deste periódico acadêmico. Em 2008 - ano da finalização da primeira turma de mestrado do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGAS/UFRN) - se iniciou o trabalho para a criação de uma revista dos estudantes de antropologia através da veiculação digital dessa produção científica. O projeto da revista foi sendo gestado, em 2011 a primeira chamada de artigos foi realizada e a primeira edição publicada em 2013. Logo, essa edição da Revista Equatorial, volume cinco, número oito, corresponde ao primeiro semestre de 2018 e se orienta para a valorização da pesquisa antropológica, da divulgação desses estudos e da produção discente.

É necessário, no entanto, compreender os percalços que atravessa o processo editorial dentro do âmbito discente. Há desafios comuns no cenário brasileiro percebidos através da participação da Equatorial no III Fórum de Revistas de Estudantes em Ciências Sociais ocorrido em 2017 em Brasília. Um desses desafios é o curto período dos cursos de pós-graduação, principalmente do mestrado, o que gera uma alta rotatividade de com-

ponentes na equipe e faz com que os estudantes, que em geral não têm conhecimento sobre o processo editorial, tenham pouco tempo para aprender. Isso impede a fluidez do fluxo e, conseqüentemente, a periodicidade.

Mesmo assim, em meio a outros desafios, as revistas em ciências sociais estão fomentando uma larga produção científica de pesquisadores discentes, docentes e mesmo sem vínculos institucionais, como podemos notar pela expansão dos periódicos na área. Para explicitar expomos aqui algumas dessas revistas, que emergem de Norte a Sul do país: Revista Amazônica - Revista de antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA); Revista Visagem - projeto conjunto do Grupo de Estudos Visagem e de estudantes do Programa de Pós-Graduação de Sociologia e Antropologia/UFPA; Revista Praça - Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE; Revista Idealogando - organizada pelos alunos de Graduação e professores da Universidade Federal de Pernambuco; Textos Graduados - Revista da Graduação em Ciências Sociais da Universidade de Brasília (UnB); Revista Etcétera - Revista de graduação do programa de educação tutorial em ciência política da (UnB); PÓS - Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade de Brasília; Revista Habitus - revista da graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Revista Ensaio - Revista interdisciplinar de ciências humanas da graduação e pós-graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF); Revista Enfoques - publicação acadêmica de iniciativa discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ; Mundo Livre - Revista multidisciplinar discente da UFF/Campos de Goytacazes; Revista Três [...] Pontos - revista do Centro Acadêmico de Ciências Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Revista Simbiótica - é um periódico acadêmico internacional gerido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias (NEI) e está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Alabastro - revista eletrônica dos alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo; Primeiros Estudos - Revista de graduação de Ciências Sociais organizada por estudantes de graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP),

Revista Cadernos de Campo - publicação semestral editada pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (Fclar) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Revista Florestan - Revista da Graduação em Ciências Sociais da UFSC; Mosaico Social - periódico dos graduandos do Curso de Ciências Sociais da UFSC, Revista Todavia - uma publicação eletrônica da UFRGS voltada para a divulgação da produção acadêmica de alunos dos cursos de graduação de ciências sociais; Urutágua - Revista Acadêmica Multidisciplinar do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá (UEM); Revista EntreRios - Revista do Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPI.

*

A capacidade de análise e compreensão dos fenômenos sociais, característica da etnografia, é fomentada em campos distintos de atuação, por vezes de maneira interdisciplinar, interinstitucional, realizando um trabalho de contato direto com as realidades sociais investigadas. Isso ocasiona situações particulares à prática etnográfica e ocorre de maneira concomitante ao questionamento de lógicas dominantes ou monoculturas da mente, como Veena Das nos atenta.

Nesse campo de tensão em que a antropologia contemporânea está situada salientamos a relevância da produção discente e sua necessidade de divulgação, visto que tais trabalhos evidenciam fenômenos sociais complexos e atuais. Salientamos que a divulgação desses estudos promove também a difusão de ferramentas analíticas para a compreensão de importantes questões cotidianas.

Estão sendo debatidas aqui algumas dessas questões tanto através de perspectivas acerca do cotidiano dos ribeirinhos amazônicos e das práticas religiosas dos povos indígenas quanto das vivências de estudantes universitários umbandistas. Tais discussões possibilitam ver a Amazônia com outros olhos, desde o rio enquanto a via pela qual as pessoas vivem, transitam e negociam. Fomenta-se a análise de aspectos das realidades sociais que, muitas vezes não são contempladas nas pesquisas de outras áreas, que se voltam para a biodiversidade ou sociodiversidade, generalizando as vivências dos ribeirinhos. En-

tão, ao notar que a exploração é desenvolvida de modos distintos é preciso considerar que a condição de miséria latente leva à busca pela manutenção da vida de maneiras diversas. Os passageiros dos navios que já conhecem a prática de lançar objetos no rio, colocam quase cotidianamente (a depender do trajeto) comidas e roupas em sacolas plásticas para não afundar. Tais objetos são recolhidos pelas pessoas, em geral crianças, que estão nas canoas esperando, o que revela outras questões sociais que vão além do debate ambiental. Essa é uma forma de compreensão de como se dá a relação das pessoas com o rio, uma relação de extensão e dependência, a experiência da viagem de navio é uma possibilidade de percepção dessas realidades ribeirinhas.

Outra importante reflexão é sobre a diversidade religiosa e cultural a partir das cosmologias indígenas, de matrizes africanas e cristãs, e as identidades religiosas que despertam através da escolarização e dos processos de transformação cultural, que impactam na vida dos sujeitos. O tema da religiosidade é bom para pensar, parafraseando Lévi-Strauss, outros desdobramentos no contexto social brasileiro, em que a intolerância religiosa é ainda uma realidade ainda presente na nossa sociedade, apesar da importante defesa da diversidade e da liberdade de culto que orientam nossos princípios constitucionais.

Os estudos antropológicos colaboram também na compreensão de outras realidades complexas como as relações envolvidas na percepção da ayahuasca ou o DMT e o cotidiano das decisões e os atores envolvidos na promoção ou uso das vacinas anti-HPV para adolescentes que, além da discussão já conhecida sobre o efeito das vacinas sob os corpos, tensiona os limites entre as esferas privadas e públicas do mundo social. Nesse número também há uma reflexão sobre as trajetórias de vida de um casal de mulheres que permite perceber as diversas dimensões envolvidas na concepção de família, a partir da percepção das interlocutoras.

**

Abrindo a seção livre de artigos apresentamos o texto de Natália Bezerra, mestra em antropologia social pela UNB, Quando a vacina entra na escola: os sentidos do cuidado parental frente à vacina HPV que se volta para



as distintas percepções dos pais de adolescentes sobre a vacinação do HPV. Tal estudo etnográfico investiga sobre a inserção dessa vacina numa instituição de ensino, situada no Distrito Federal, e se debruça na compreensão do que é o cuidado, pois com vistas a cuidar das filhas algumas famílias optaram ou não pela vacinação. A partir dos relatos das meninas, meninos, mães, pai e profissionais a autora nos leva a refletir profundamente sobre esse complexo campo no qual se encontram as percepções sobre tal vacina.

O segundo artigo dessa edição é concernente à pesquisa de Anacely Costa, mestre em Saúde Coletiva e doutoranda pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ), que investiga em *Entre ver e não ver: uma análise sobre as imagens médicas da intersexualidade como as imagens produzidas pela biomedicina colaboram para o controle e conformação de normas sobre gênero e sexualidade*, através de uma pesquisa bibliográfica e entrevistas com profissionais de saúde. O intuito da pesquisadora é compreender como esse material produzido contribui na patologização das genitálias das pessoas intersexo.

A terceira pesquisa publicada foi realizada por Josyanne Alencar, mestranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFRN, e é intitulada como *Família, conjugalidade e (homo) parentalidade entre mulheres: Um estudo de caso no cariri cearense*. O trabalho etnográfico realizado no Ceará, ainda durante o curso de graduação em Ciências Sociais, explana como a conjugalidade homossexual se tornou possível no âmbito internacional e nacional e adentra nas narrativas e histórias de vida de duas ativistas dos movimentos sociais, investigando a partir da concepção de família e homoparentalidade os conflitos e projetos que giram em torno dessas experiências de vida.

O quarto artigo divulgado nesta publicação é de autoria de Ana Gretel Echazú, doutora em Antropologia Social pela UNB, pós-doutoranda em Saúde Coletiva na UFRN, e atualmente docente da UFRN. Com o trabalho *Drugs, sets & settings: adensando a tríade no campo ayahuasqueiro* a pesquisadora nos leva a refletir sobre a tríade drug, set & setting enquanto uma ferramenta explicativa que colabora no entendimento da experiência psicoativa que ocorre sempre em contexto. Para tanto, a autora trata sobre os itinerários da ayahuasca, evidenciando-a enquanto uma bebida milenar dos povos indígenas da Amazônia mas, tam-

bém, num momento mais recente, trata dos usos e pesquisas laboratoriais em que a bebida é reduzida ao princípio ativo DMT. Tal ação possibilitou experiências de consumo no ambiente doméstico que passaram a ser registradas e postadas no ciberespaço, a autora nos leva então a pensar sobre essa redução do ritual.

O quinto artigo trata das Narrativas escolares de alunos umbandistas no Ensino Superior em Santa Catarina no qual Amurabi Oliveira, doutor em Sociologia pela UFSC, apresenta a partir da experiência de três estudantes universitários do Sul do Brasil, as diferentes vivências escolares dos agentes. Analisando diferentes etapas das trajetórias escolares, argumenta sobre a visibilidade das identidades religiosas no Ensino Superior e os impactos sobre a percepção dessas religiões no contexto escolar.

A sexta pesquisa apresentada por Diego Fernandes Dias Severo, doutorando em Antropologia pela Universidade de Pelotas, se intitula Xamanismo e mitologia Kaingang: elementos sobre a crença evangélica no pensamento ameríndio, o autor nos apresenta uma dimensão do universo social kaingang, relativa a sua concepção cosmológica. O questionamento principal é compreender a conversão kaingang às igrejas evangélicas e buscar os elementos de aproximação que o pensamento indígena encontrou para tomar sentido nas crenças e os anseios que levam os indígenas à conversão.

No sétimo artigo, que se intitula Povos Indígenas e festas de santo no médio Rio Negro (Amazonas), Francisco da Silva Sarmento, Indígena Tukano, da região do médio rio Negro, Amazonas, e mestrando em Antropologia Social pelo PPGAS/UnB, trata de um fenômeno cultural que é chamado “festa de santo”, caracterizado por ritos festivos que envolvem a religiosidade católica e indígena, na região amazônica do médio Rio Negro. O autor revela as dinâmicas dessas festas e suas diversas influências, principalmente pela ação missionária católica, trazendo aspectos da estrutura das festas, dos rituais e contextualizando historicamente a devoção aos santos na região.

No Ensaio visual, de autoria de José Luís dos Santos Leal, Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá, intitulado À espera de objetos lançados no rio, as fotografias nos levam de navio pelo trajeto Belém-Macapá, para perceber o cotidiano das comunidades ribeirinhas. No trajeto também se desperta nosso olhar para as belezas da paisagem ribeirinha amazônica

e para os contrastes sociais das/dos ribeirinhas que remam pelas águas dos rios amazônicos em busca dos objetos lançados na água pelos passageiros dos navios.

Na seção “Tradução” temos texto de Lila Abu-Lughod, uma antropóloga palestina-americana, que estabelece um diálogo crítico direto com o texto *Writing Culture* de James Clifford e George Marcus, publicado em 1986, que excluiu a participação feminista da construção teórica do conceito de cultura no livro. O texto é uma crítica ao modo como conceito de cultura é utilizado e sua utilidade para reforçar relações hierárquicas. O texto se insere nas discussões dos autores e autoras pós-coloniais da antropologia, influenciadas principalmente pelo pós-colonialismo de Edward Said. Com sua proposta das “Etnografias do particular”, a autora pesquisou os beduínos no Egito. Como antropóloga se posicionou como half - ‘metade árabe’ - e feminista, trazendo a “vida vivida” de mulheres no mundo árabe, em um debate que gira em torno da questão das subalternidades e invisibilidades no mundo pós-colonial. Trata da relação entre “eu” e o “outro” de maneira que mostra que a identidade cultural pode ser múltipla, tensionando a distinção antropológico entre “eu” e o “outro” que ainda é reafirmada pelo conceito de cultura. Além de quebrar com a noção de imparcialidade mostrando sobre como “toda visão é uma visão de algum lugar”, pois estamos todos situadas e situados desde algum ponto, insiste na posicionabilidade como uma ação inerente para a/o antropóloga/o feminista ou mestiça/o.

Consideramos que a tradução desse texto é importante para a antropologia brasileira e também esperamos contribuir com a valorização das contribuições feministas e dos estudos pós-coloniais, não suficientemente valorizados pela indústria editorial nacional. No caso deste texto, que embasa pesquisas diversas, não havia até então tradução para o português, o que reforça a nossa percepção de uma invisibilização das produções feministas. Esta tradução é um reconhecimento da importância da teoria pós-colonial e feminista no Brasil e da imensa contribuição de Lila Abu-Lughod para a antropologia global, que nos deixando um legado que serve como base para pensar a pesquisa antropológica no Sul Global, colaborando na reflexão das nossas realidades.

Desse modo, buscamos nessa publicação fomentar a produção do conhecimento em antropologia, colaborando para a abrangência e propagação de pesquisas tão importantes para as ciências humanas de maneira geral. A comissão editorial

agradece aos autores e as autoras, pareceristas, professoras e professores, além de todos os outros envolvidos na construção deste número. Recordamos também que a Revista Equatorial recebe contribuições originais e inéditas em fluxo contínuo.

In Memoriam

Nós, discentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, por meio desta, nos solidarizamos com as/os familiares e amigas/os da Professora Doutora Leilane Assunção, neste momento de pesar e luto. Gostaríamos também de ressaltar a forma como a professora Leilane contribuiu imensamente para a formação acadêmica e política de um grande número de discentes desta universidade, que por ela nutrem enorme admiração, afeto e consideração. A professora, graduada e mestra em História, doutora em Ciências Sociais pela UFRN, foi uma das primeiras travestis a ocupar o status de docente numa Universidade Federal no Brasil, desempenhando um papel fundamental na militância de esquerda, transfeminista, antiproibicionista e LGBTI do RN. Sua contribuição em inúmeras trajetórias produziu efeitos que se fixaram na memória de quem a conheceu e teve o prazer de conviver com ela nos diversos espaços por onde ela passou. Por mais que este seja um momento de perda e saudade, é importantíssimo tornar notória a forma como Leilane compartilhou conosco sua alegria de viver e lutar. Que sua força e axé estejam sempre em nossas memórias, nos inspirando a ocupar espaços e a buscar meios para garantir a permanência de populações resistentes, com dignidade, dentro e fora da universidade.

Leilane, presente!

Discentes do PPGAS/UFRN